

**DISCURSO DE MEINE SIOMARA ALCÂNTARA (NETA DE FRANCISCO GUILHERME DE SOUZA), NA CÂMARA MUNICIPAL DE NATAL - HOMENAGEM AOS 66 ANOS DA INSUREIÇÃO COMUNISTA DE 1935 – Em, 23/11/2001**

Exmo. Sr. Presidente da Mesa, Vereador George Câmara, demais vereadores, autoridades presentes, sindicalistas, professores, senhores e senhoras, bom dia!

Represento, hoje, uma pessoa muito especial, que por motivo superior não pode estar presente neste dia tão significativo, em que a *Câmara Municipal de Natal* abre suas portas para resgatar a memória do único governo popular da história do Rio Grande do Norte; governo de homens heróis anônimos, simples: sapateiro, funcionários públicos, soldados, operários das salinas, professores, diversas profissões. Eram homens do povo, que vislumbraram um mundo novo, comum, igual, coletivo, onde poderiam viver isentos de injustiças sociais, sem fome, com saúde, educação e trabalho para todos, com dignidade e cidadania.

Peço licença aos senhores para discorrer sobre aquele que cresci ouvindo suas histórias, suas lembranças, passando a cada dia a admirá-lo. *Francisco Guilherme de Souza*, ou Chico Guilherme, como tão carinhosamente é conhecido na sua terra natal, Mossoró.

Chico Guilherme nasceu a 19 de outubro de 1910, filho primogênito de pobres agricultores, Ricardo Guilherme de Lima e Maria Francisca de Souza; logo cedo, aos 12 anos, começou sua labuta, como carregador de água. Posteriormente, aos 16 anos, passa a integrar a grande massa trabalhadora das salinas; trabalho que naquela região representava o único caminho a seguir. Iniciava-se, para Chico Guilherme, um mundo de afazeres extremamente insalubre e desigual, com grandes dificuldades, sem direitos trabalhistas, mal-tratados, mal-alimentados; ao patrão só importava a produção, o lucro.

Para se chegar às salinas era preciso percorrer 18 Km a pé. Os salineiros não utilizavam nenhum equipamento de proteção, e para evitar a cegueira, conseqüente da intensa luminosidade, causada pelo reflexo do sol nos montes brancos de sal, a colheita do sal começa pela madrugada. Com o decorrer do tempo muitos trabalhadores ficavam cegos.

As pranchas por onde trafegavam com o sal, eram escorregadias, provocando muitas vezes quedas. E não havia assistência médica. Durante

a noite, alojavam-se em grandes galpões abertos nas laterais. A alimentação era comprada no armazém do dono da salina, e no final do mês restava um mísero salário. Os balaios, no qual transportavam o sal, provocavam calos nos ombros e furúnculos (que eles chamavam de “maxixes”), causados pelas impurezas do sal.

Há um fato que Chico Guilherme descreve, que permaneceu em sua memória como símbolo da indignação no qual vivia. Havia os feitores, homens de confiança do patrão, que vigiavam aqueles que trabalhavam incansavelmente, estes feitores costumavam dizer que tinham nojo que seus cavalos bebessem água no mesmo tonel que os operários. Esta é uma pequena amostra do trabalho insalubre e humilhante dos trabalhadores das salinas naquele momento.

Abro um parêntese, a fim de relatar a aproximação entre os trabalhadores citados e o *Partido Comunista do Brasil*. Na cidade de Mossoró, o *Partido Comunista* foi fundado em 1928, pelos irmãos Reginaldo (Raimundo, Lauro, Jonas e Manoel). Anteriormente, em 1910, foi criada a *Liga Operária*, uma associação que defendia a classe trabalhadora.

Após a organização e a fundação do Partido, começa-se a aglutinar operários, tendo como atuação prioritária a formação dos sindicatos. E, foi assim, que em 1931, Chico Guilherme entra no *Partido Comunista*, fato que marcou toda sua trajetória de vida, de luta por um ideal. Neste mesmo ano é criada a *Associação dos Trabalhadores na Extração do Sal*, a qual Chico Guilherme faria parte em 1932.

Junto a outros sindicalistas, passa a reivindicar seus direitos; num primeiro momento, de caráter econômico e de melhores condições de trabalho, posteriormente, a liberdade de companheiros, que vítimas da repressão, eram presos.

Nas décadas de 30 e 40 o *Estado Novo*, o *Governo Vargas*, tinha uma só linguagem, a do autoritarismo e da repressão. E em Mossoró, política local era conduzida da mesma forma. Surge, portanto, o *Sindicato do Garrancho*, onde homens, membros da *Associação dos Trabalhadores da Extração do Sal*, se reuniam sob árvores nos arredores de Mossoró e lá traçavam estratégias para as próximas lutas. O Sindicato do Garrancho foi a maior prova de obstinação, coragem e persistência de homens que lutavam pela garantia de seus direitos.

A partir de então, as perseguições aumentaram cada vez mais, e alguns sindicalistas não podiam ao menos se dirigir a cidade que logo eram presos. Surge então a **Guerrilha, a Luta Armada**, como alternativa de sobrevivência; Um grupo de 50 homens que tinha como líder Manoel Torquato. Denominados, pelos “donos do poder”, de **Bandoleiros Vermelhos**. Estes percorriam aquela região, esperando por um grande movimento que estaria por vir, e só então poderiam retornar aos seus lares.

Enfim, aconteceu o momento esperado, o **Levante Comunista** deflagrado em Natal a 23 de novembro de 1935, prenunciava um novo tempo, tempo em que o povo chegaria ao poder. Mas, por algumas circunstâncias, entre as quais a resposta insatisfatória da senha, provocou a não consolidação do levante na cidade de Mossoró. Existia, ali, um campo fértil; os sindicatos, a guerrilha, os simpatizantes, que esperavam apenas um sinal, mas que veio de outra forma.

E assim, iniciava-se uma das maiores perseguições e atrocidades a homens que lutavam por um ideal. Chico Guilherme e outros companheiros foram deportados para **Ilha Grande, na Colônia Correccional Dois Rios, no Rio de Janeiro**. Chico Guilherme permaneceu nesta prisão por seis meses. Foi julgado pelo Tribunal de Segurança Nacional e condenado a 02 anos de prisão com trabalhos forçados, em Mossoró.

Abro um segundo parêntese para falar de **Francisca Clara de Souza**, companheira de Chico Guilherme, mulher batalhadora, forte, mãe leoa, atuante. Com Chico Guilherme teve 16 filhos, nos quais 08 não sobreviveram às precárias condições que viviam. Francisca Clara e outras mulheres como **Policárpia e Anita** (companheira de Joel Paulista), fundaram a **Associação das Mulheres Trabalhadoras de Mossoró**, tendo importante papel nas articulações, principalmente nos períodos de greves, e em defesa de seus direitos.

Parafraseando Adélia Prado no poema Com Licença Poética onde ela cita que “mulher é desdobrável”; com certeza mulheres como Francisca Clara de Souza são. A ela meu profundo respeito e grandes saudades.

Naquele período o Sindicato foi totalmente esfacelado e Chico Guilherme ao retornar a liberdade percorreu as salinas onde encontrou um quadro de lamentações e injustiças. Unindo-se a Joel Paulista, Manoel Moreira e João Crisóstomo, reestruturaram o Sindicato, já que durante o período que estavam presos, os operários se reuniam sob a proteção do **Bispo Dom Jaime**, o qual os políticos locais tinham respeito.

Convocaram então um representante do *Ministério do Trabalho*, que oficializaria o sindicato, tirando-o da clandestinidade; atendendo ao chamado e percebendo a grande liderança que Chico Guilherme tinha perante os trabalhadores, sugeriu que este repudiasse o Partido Comunista e se tornasse presidente do Sindicato. Chico Guilherme recusou veementemente retornando ao mesmo somente após sua Anistia Política e a liberação do Atestado de Ideologia, em 1946; presidindo-o por 02 anos e permanecendo na sua Diretoria até 1952.

Neste ínterim, *exerceu um cargo eletivo de vereador*, por dois mandatos consecutivos, na Câmara Municipal de Mossoró. Não mais voltou a trabalhar nas salinas, passando a ser motorista de um misto (veículo metade ônibus e metade caminhão), que trafegava entre as cidades de Mossoró e Areia Branca; exercendo depois a profissão de taxista até 1983, ao aposentar-se.

Hoje, Chico Guilherme, memória viva do sindicalismo mossoroense, os anos fizeram enfraquecer o seu corpo, porém seus ideais, sua lucidez e sua coerência política, jamais, é exemplo de luta e de dignidade humana, nos da força para acreditar no sonho da liberdade e de um mundo melhor.

A Universidade Estadual do Rio Grande do Norte concedeu-lhe o título de *Doutor Honoris Causa*, em 19 de Outubro de 2000, data que completava 90 anos. Doutor da vida. Doutor do povo, doutor dos oprimidos, daqueles que buscam um mundo isento de desemprego, subemprego, de preconceitos, de crianças morrendo de desnutrição, abandono; que anseiam um mundo de solidariedade, justiça, de verdadeiras políticas públicas, um mundo de homens cidadãos.

Agradeço hoje a algumas pessoas que estão tentando resgatar a história do povo norte-riograndense. Ao *Vereador George Luiz Rocha da Câmara*, eleito pela legenda do Partido Comunista do Brasil, que ao colocar a Ementa nesta Casa, nos possibilitou estarmos reunidos homenageando homens que fizeram e ainda fazem nossa história.

Ao *Sr. Mery Medeiros*, militante das Ligas Camponesas, Presidente da Associação dos Anistiados Políticos do Rio Grande do Norte, que tanto vem batalhando por esta causa; ao *Sr. Roberto Monte*, do Centro de Direitos e Humanos; a *Sra. Ivonete Soares*, Membro da Direção Municipal do PC do B, de Mossoró, Professora da UERN, incansável na defesa dos direitos e resgate desses homens. A *Dra. Brasília Ferreira*, socióloga, que na sua tese de mestrado nos emociona ao contar a história

do Sindicato do Garrancho; A *Aécio Cândido e Crispiniano Neto*, mossoroenses que colocaram na dramaturgia a Ópera do Sindicato do Garrancho; ao Prof. Mestre em Ciências Políticas, *Homero de Oliveira Costa*; por fim, agradeço a todos aqui presentes, familiares dos homenageados, aos amigos que deixaram seus afazeres e atenderam ao nosso convite.

Concluo minha fala dedicando um poema de *Bertold Brech*, a todos aqueles que lutaram pelo coletivo:

A *Francisco Guilherme de Souza*, Joel Paulista, *Raimundo*, Lauro, *Jonas* e Manoel Reginaldo, *Manoel Torquato*, Alcides Ferreira, *João Crisóstomo*, Oscar Ferreira, *Manoel Moreira*, Francisco Meneleu dos Santos, *Glicério Sátiro de Lucena*, José Praxedes, *Lauro Cortez*, Quintino Clementino, *José Macedo*, João Batista, *Cabo e Giocondo*, e todos aqueles que há 66 anos fizeram a história do povo do Rio Grande do Norte.

*Há homens que lutam um dia e são bons;  
Há outros que lutam um ano e são melhores;  
Há quem lute muitos anos e são muito melhores;  
Porém, há os que lutam toda a vida: Estes são imprescindíveis.*

Obrigada.



[www.dhnet.org.br](http://www.dhnet.org.br)